



AMOR DE PERDIÇÃO

em

AGUSTINA BESSA-LUIS¹

Celeste Malpique²

1

Artigo recebido em 18 de Setembro de 2019 e aceite para publicação em 23 de Setembro de 2019.

2

Psiquiatra. Psicanalista. Membro titular com funções didáticas da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Internacional de Psicanálise (IPA). *E-mail:* celestemalpique@gmail.com

RESUMO

A autora presta homenagem à grande escritora portuguesa falecida este ano, evocando três romances e uma biografia de Florbela Espanca, publicados entre 1954 e 1991, e os filmes *Francisca* e *Vale Abraão*, do grande cineasta português Manoel de Oliveira. Salienta neste artigo a fatalidade, o Amor de Perdição que a romancista imprime às relações amorosas, vínculo trágico que o Romantismo Literário da época consagra (nomeadamente Camilo Castelo Branco e Gustave Flaubert) e que a Psicanálise interpreta como a tragédia do Amor Narcísico e do permanente jogo entre Eros/Thanatos, entre pulsão de Vida/pulsão de Morte (Freud 1920, 1930).

PALAVRAS-CHAVE

Agustina Bessa-Luís
Amor de Perdição
Narcisismo
Amor narcísico
Eros – Thanatos
Suicídio
Melancolia

A grande escritora Agustina Bessa-Luís deixou-nos este ano, e não quero perder a oportunidade de a homenagear, tão grande é o meu apreço pela sua obra, e de lamentar quanto, vivendo na mesma cidade, o Porto, só tenha usufruído de breves contactos em acontecimentos públicos. Não sendo a nossa terra natal, parece que ambas nos afeiçoámos a esta cidade, da qual, melhor do que um pintor ou até um cineasta, ela nos legou magníficas descrições, pela sua sensorialidade telúrica. Talvez Manoel de Oliveira tenha percebido nesse «olhar e discurso de Agustina a autenticidade que pretendia imprimir às suas realizações e, por isso, tenha utilizado alguns dos seus romances como guião. Refiro-me a *Fanny Owen*, em *Francisca* (1980), e *Vale Abraão*, no filme com o mesmo nome (1991). Ainda que fazendo a sua adaptação cinematográfica, não poderia ter escolhido melhor, dado o profundo enraizamento familiar da escritora na região do Douro. Todavia, a sua obra é vasta, ultrapassa o regionalismo e tem uma dimensão universal no que toca à profundidade psicológica com que descreve as suas personagens.

Na escrita compulsiva a que se entregou ao longo da sua vida quase em associação livre, num estilo que tem algo barroco, quando rodopia e

mistura memórias afetivas com vivacidade pictórica, faz comentários críticos e irónicos a propósito, e chega a obrigar-nos a parar para pensar, pois nos provoca. Introduce paradoxos que não são simples jogos de palavras, pois, como diz António Lobo Antunes (1991), «tem uma implacável lógica interna» e exprime uma complexidade que só a metáfora permite.

Refiro-me a uma linguagem literária muito original com que define sentimentos, contradições, estados de alma e comportamentos em que as suas personagens se debatem e delas traça um retrato vivo. Permite recriá-las mesmo quando enigmáticas e contraditórias.

António Lobo Antunes, também grande escritor, e não por acaso psiquiatra como eu, mas muito melhor do que eu, refere «que as suas personagens não são bonecos vestidos de ideias que em lugar de pensarem sentimentos, são pensados por eles e levam-nos ao encontro do nosso caos interior, descodificando-o mostra a sua complexa simplicidade», por mais paradoxal que isto pareça. «Os livros de Agustina são um alimento difícil porque a transgressão sistemática dos nossos conceitos racionais é metodicamente eficaz, substituindo-os por uma espécie de nudez

Nota: este artigo está escrito conforme o recente Acordo Ortográfico.

primordial». Não encontrei melhor definição do que esta, dada por António Lobo Antunes no prefácio de *Vale de Abraão* (1991).

Aí, reside a profundidade e sutileza da análise psicológica das suas personagens, que, na sua aparente contradição e mistério, são vivas — e podemos reconhecê-las na sua autenticidade.

Chamou-nos particular atenção a caracterização das personagens femininas em alguns dos seus romances. Ainda que se fundamente no domínio matriarcal da tradição céltica na Península e do poder da mulher sobre o homem, por exemplo, no sedentarismo agrícola e manutenção da propriedade, na sua independência sexual com respeito ao casamento e ao divórcio, não deixa, todavia, de realçar a marca deixada na organização das famílias rurais portuguesas entre Douro e Minho, onde nasceu e cresceu e que tão bem descreve.

O advento do poder patriarcal com o domínio romano e judaico-cristão não teria apagado completamente essa marca transgeracional, e Agustina vê aí a força, obstinação e conservadorismo da mulher frente a um homem aventureiro, autoritário, mais insensato e levado pelas paixões (o sexo, o jogo, o álcool). São frequentes as narrativas em que é o morgado que, pelos seus desvarios, deixa o património em ruína. Os casamentos são por conveniência e a ligação amorosa tem, à época, um cariz transgressivo, tanto mais apaixonado quanto proibido.

Essa proibição tanto pode ser um obstáculo concreto e externo, conhecido e agido, como pode ser mais uma inibição interna, um desejo imaginário que jamais é satisfeito e leva a uma procura compulsiva. Esse sentimento de fascínio e de atração insuperável pode dar-lhe um cunho de fatalidade, de desastre, e até de ameaça de morte, e pode conduzir a comportamentos autodestrutivos, nomeadamente ao suicídio. Incluiríamos aqui o *Amor de Perdição* e é esse drama que Agustina Bessa-Luis, sem o declarar expressamente, vai narrar nos seus romances *A Sibila*, (1953), *Fanny Owen* (1980) e *Vale Abraão* (1991), e na biografia de *Florbela Espanca* (1979).

É possível que Agustina, cuja admiração por Camilo Castelo Branco era inegável e cujo estilo a seduzia, tenha sido influenciada pelo *Amor de Perdição*, embora eu saiba que ultrapassou o Romantismo Literário do século XIX e o seu estilo seja bem diferente. Camilo Castelo Branco é uma figura incontornável do Porto e não pôde ser esquecida pelos intelectuais do Norte. O próprio Manoel de Oliveira o encenou para a televisão. *Amor De Perdição* foi escrito na Cadeia do Porto, em 15 dias, enquanto estava preso por adultério com Ana Plácido.

O estilo subversivo e irónico de Agustina não deixa de ser influenciado pelo estilo e personalidade de Camilo Castelo Branco, figura incontornável na

sua época e na região Norte, onde se desenrolam alguns dos romances de Agustina. A escritora caracteriza bem a família rural burguesa, entre Douro e Minho, e não deixa de salientar as mudanças sociopolíticas da segunda metade do século XIX, por efeito da liderança do Marquês de Pombal e do ambiente de guerrilha das lutas liberais no país. O morgadio das casas senhoriais estava em declínio também pelos seus vícios libertinos (sexo, jogo, álcool e tédio) que o clima romântico favorecia. Os dramas amorosos e o fatalismo estavam na moda. Byron era apreciado e era chique ser literato; dominava o Romantismo Literário e folhetinesco no qual Camilo era mestre.

Agustina Bessa-Luis foi assídua nas tertúlias que decorriam no Diana Bar, na Póvoa de Varzim, e das quais participavam José Régio, Manoel de Oliveira e João Marques. Aliás, Agustina viveu quatro anos em Esposende antes de se fixar no Porto. *Amor de Perdição* era tema frequente de conversas, assim como *Benilde*, de José Régio, sendo este figura central dessas tertúlias — recordemos que residindo em Portalegre, onde era professor, fundaria a Casa Museu em Vila do Conde. Tanto Agustina como Manoel de Oliveira admiravam o grande poeta que foi José Régio.

Ao refletir neste tema que me propus — «Amor de Perdição» em Agustina Bessa-Luis —, não tenho pretensões literárias, mas apenas de análise psicológica, que é o âmbito em que poderia (?) dar alguma contribuição mais original. E talvez não tão original assim, dada a ênfase que a Psicanálise confere à dualidade pulsão de Vida/pulsão de Morte, Eros/Thanatos, e à componente agressiva da própria sexualidade. O vínculo amoroso implica intrinsecamente pulsões libidinais e agressivas, Amor/Ódio, Criatividade e Autodestrutividade. A Mitologia dramatizada nas Tragédias Gregas, e retomada ao longo dos séculos pela Cultura e pela Arte, não faz senão transformar e dar expressão civilizacional a essa temática.

Camilo Castelo Branco retomaria o drama *Romeu e Julieta*, que o próprio Shakespeare foi buscar à lenda italiana do amor impossível entre jovens filhos de famílias rivais e termina na morte de ambos por Amor. Fatores externos, o ódio e rivalidade dos pais e o poder da proibição, parecem dominar a narrativa, mas em qualquer deles a paixão dos jovens surge com uma obstinação narcísica que supera o medo da morte e se exprime num imaginário fusional romântico. Na idade em que se encontram, esta obstinação poderia ser ainda a realização da fantasia edípica reativada na adolescência. No *Amor de Perdição* de Camilo, além do amor entre Teresa e Simão, aparece a figura de Mariana, que medeia a relação e que verdadeiramente ama Simão (amor objeto), e se suicida quando se atira ao mar.

Talvez não seja por acaso que o Amor Fatal

se viabiliza por um terceiro elemento no contexto relacional (um marido passivo e tolerante, um amigo, um estranho, etc.), embora tenha a consciência do perigo e fatalismo da situação.

A sedução é um fascínio imediato: pela beleza, mistério, poder, candura, risco, e tudo quanto o imaginário, narcisicamente, possa projetar na realização do desejo, que não será apenas libidinal, mas para colmatar um sentimento de incompletude ou superar um tédio *vitae*. Um fundo depressivo e nostálgico é propício a tais envolvimento. Chama-lhe os anglo-saxões to *fall in love*; em linguagem psicanalítica sabemos que resulta de uma identificação projetiva massiva.

Vejamos como Agustina Bessa-Luís narra esse «Amor de Perdição» na personagem feminina central desses romances.

Em *Fanny Owen*, Camilo, escritor e ativo folhetinista, mantém antiga camaradagem com um colega de Coimbra, José Augusto Pinto de Magalhães, morgado de Riba-Tâmega do solar Lodeiro.

Agustina prefacia o romance informando que se baseou em novelas, textos dispersos e até diários íntimos, para escrever os diálogos do filme *Francisca* de Manoel de Oliveira. Trata-se de um drama romanesco que decorre numa família rural burguesa do Douro, próximo da Régua. De salientar que são justamente os diálogos e extratos dos diários o conteúdo mais rico deste romance.

Camilo e José Augusto mantêm uma amizade um tanto ambivalente devido a grandes diferenças de personalidade: Camilo é escritor, inteligente e mordaz, dado a paixões; José Augusto morgado *dandy*, altivo, vaidoso, frio, com 23 anos e com passado amoroso instável, leitor de Byron, e, sobretudo, cheio de dívidas e interessado em fazer um casamento rico. Entram em convívio com a família inglesa do coronel Owen, que vive em Vilar do Paraíso em Gaia. O coronel está em Lisboa com o filho Hugo e pertencem à facção de D. Pedro; as duas filhas casadouras, Maria e Fanny, vivem em Vale do Paraíso com a mãe, D. Rita, brasileira que fez parte do séquito da rainha Carlota Joaquina.

As jovens inglesas são interessantes e esbeltas. Maria, a mais velha, bela e sedutora; Fanny, mais enigmática, mais tímida, com uma candura atrativa, e dizem que escreve versos e mantém correspondência confessional com Camilo, que admira.

José Augusto não está apaixonado e diz até que vê Maria como uma irmã. Camilo avisa-o de que tenha cuidado, pois uma aproximação será fatal, porque ele «não tem alma». José Augusto aluga uma casa em Vilar do Paraíso e começa a namorar com Maria, mas a relação é fria, sem interesse, e Maria queixa-se. A mãe e o próprio José Augusto aceitam que esteja presente Fanny: a três, parece que a relação melhora, mas é então que Fanny se apaixonou por José Augusto e este fica seduzido pela

sua candura, vê-a *como um anjo!*

Camilo continua preocupado com este interesse e descobre que também ele está fascinado, e o modo como os dois resolvem inconscientemente a sua rivalidade e ciúme é transformar Fanny num símbolo: um anjo assexuado, o puro Amor, ascético! Todavia, Camilo acha que José Augusto é impotente, mata o desejo; é incapaz de amar. O fascínio entre José Augusto e Fanny e o mal-estar desta pelo controlo materno agudizam a paixão, e planeiam um rapto e casamento, contra a vontade da família. Tudo isso acontece em condições desastrosas, e por essa altura Camilo entrega a José Augusto as cartas que Fanny lhe escrevera. É um autêntico duelo o que esta provocação desencadeia! A partir daí, o casamento de José Augusto é um completo descalabro na intimidade: dormem em quartos separados, à inglesa, choram, evocam um amor impossível, embora se mantenham juntos. Fanny vai definhando, morre por tuberculose, e José Augusto, por acidente suicidário (*overdose* de morfina). Cumpriu-se a fatalidade que Camilo anunciara!

Em *VALE ABRAÃO*, Agustina volta a retratar a família burguesa rural do Douro, com uma riqueza pictórica que a sua memória não desmerece, e vai buscar a *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, escritor contemporâneo de Camilo, e transpõe de forma plausível para a relação entre Ema e Carlos Paiva as aventuras de adultério e a tolerância passiva e conivente do marido, um médico de província, cumpridor e diligente, mas sempre fascinado pela beleza da mulher que o trai.

Ema, nessa compulsão de procurar o Amor, o prazer e ascensão social, acaba por reconhecer o tédio, o vazio e a mentira em que vive, e acaba por se suicidar.

Em qualquer destes romances, Agustina faz comentários pertinentes sobre o amor, o casamento de conveniência; põe alguma ironia e fatalismo nas palavras que atribui a Camilo, chamando a atenção para a importância das frustrações da infância (perda da mãe, violência e indiferença do pai, morte de um irmão, etc.), que deixam feridas narcísicas insuperáveis.

Incluimos, por esta época (1979), a Biografia (vida e obra) de *FLORBELAESPANCA*, uma poetisa alentejana que Agustina não admirava particularmente (achava-a demasiado chorona e histérica), mas talvez por lhe parecer interessante explorar o seu «bovarismo». É uma personalidade caprichosa, filha bastarda que o pai não perfilha, que faz três casamentos fracassados e acaba os seus dias aos 36 anos em Matosinhos, mergulhada num quadro melancólico (suicídio). «Ama perdidamente», como diz nos seus sonetos, mas é a si mesma que ama, numa procura sempre insatisfeita do Amor. Personalidade narcísica, não deixa de se vingar do próprio pai, casada com um médico pouco firme, demasiado tolerante, e, por

isso, abandonico. Agustina faz uma análise quase psicanalítica desta sua biografada.

Resta-nos falar de *A Sibila*, o romance que em 1953 consagra a escritora e constitui uma revelação na literatura portuguesa. A personagem central deste romance é uma mulher um tanto enigmática, mas poderosa na sua obstinação e perversidade. Recusa qualquer relação amorosa e põe todo o seu projeto de vida na ambição de manter e acrescentar a propriedade que o pai e os tios deixam arruinada pelos seus excessos e desvarios (amantes, jogo, álcool). Neste projeto, é ajudada pela irmã, visto que os irmãos varões são aventureiros como o pai. A sua intuição e dotes divinatórios tornam-na conselheira das fidalgas, que a ouvem e a chamam. Tem jeito para o negócio, ganha prestígio e invejas no meio rural duriense. Biógrafos de Agustina confirmam a tia Amélia (dando-lhe o nome da sua bisavó paterna Ana Joaquina) como inspiradora desta personagem.

Por morte de uma dessas fidalgas, aos 53 anos, Quina (a Sibila) depara com um criado que fica com um filho nos braços por morte da mulher, e chora desamparado. A Sibila fica sensibilizada e pede que lhe tragam a criança. É um rapazinho muito belo, louro de olhos azuis, por quem Quina se apaixona perdidamente e adota, protege e tolera, até ao fim da sua vida, embora lhe reconheça debilidade mental. Podemos considerar que é um autêntico «Amor de Perdição», que vem colmatar o amor maternal que lhe faltou. Sibila tem uma agonia prolongada que inquieta a família quanto ao destino que ela dará à herança que o jovem adolescente suplica. Talvez, nessa agonia, ela se debata com o sofrimento de o decepcionar ou de o perder pela morte, de não o levar consigo. Todavia, a lucidez e firmeza de Quina mantêm-se até à morte, e, com realismo e justiça, preserva o património familiar e deixa o futuro do rapaz acautelado.

Agustina Bessa-Luís debruça-se nas personagens femininas, que analisa em profundidade, captando-lhes a beleza, a intuição, a perversidade na sua obstinação e desejo de poder, que lhes permitem uma liberdade e independência que, tradicionalmente, não são apanágio do sexo feminino. No contexto conjugal e amoroso, todavia, considerando a sedução e fascínio que exerce sobre o homem, a mulher impõe-se, muitas vezes, pela sua determinação e talento.

Permito-me admitir que Agustina Bessa-Luís, como mulher e como escritora, teve muitas destas características. Pelo seu talento e independência, deixa uma obra de vulto. Conseguiu-o também pelo casamento harmonioso que fez, com um companheiro que soube escolher e manter, com admiração recíproca. Um «par criativo» (Agustina Bessa e Alberto Luís) bem diferente do «Amor de Perdição» que descreve. 📖

ABSTRACT

The author pays tribute to Agustina Bessa-Luis a remarkable portuguese writer, reading with attention the profound analysis she creates in her books-novels and biography about deadly love where some relationships falls. Romantic love is sustained by narcissistic relations within endless struggles between Eros/Thanatos, Life/Death impulses that sometimes ends in suicide.

KEYWORDS: Agustina Bessa-Luis, deadly love, narcissism, narcissistic love, Eros/Thanatos, suicide, melancholy.

BIBLIOGRAFIA

- Antunes, A. L. (1991). «Prefácio». In Agustina Bessa-Luís, *Vale Abraão*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Bessa-Luís, A. (1991). *Vale Abraão*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Bessa-Luís, A. (1980). *Fanny Owen*. Lisboa: Guimarães & C^a.
- Bessa-Luís, A. (1979). *Florbela Espanca (a vida e a obra)*. Lisboa: Arcádia.
- Bessa-Luís, A. (1954). *A Sibila*. Lisboa: Guimarães & C^a.
- Castelo Branco, C. (1861). *Amor de Perdição*. Alfragide: Leya, SA.
- Flaubert, G. (2017). *Madame Bovary*. Lisboa: Clube do Autor.
- Freud, S. *Obra completa* – S.E.